

Textos sobre Narcisismo, Depressão e Masoquismo(*)

ANTÓNIO COIMBRA DE MATOS (**)

Sobre o Narcisismo

O Homem é essencialmente um animal narcísico — que se admira e precisa de ser admirado. A sua qualidade é o orgulho; o seu defeito, a vaidade. O bom narcisismo assenta num sentimento de dignidade pessoal. A deficiência narcísica, o sentimento de vacuidade, de vazio e miséria interiores conduz à vaidade. O orgulhoso (¹) tem brio, porque assume a plenitude do seu ser; senhor do seu amor próprio e do seu valor social, é. O vaidoso (²) pinta-se com tinta brilhante para esconder as mazelas, as má-

culas da auto-imagem; como é pouco, asse-nhora-se de apetrechos que o possam fazer brilhar; a sua problemática é a do ter — para suprir aquilo que não é. O orgulhoso, seguro de si, deixa-se observar; o vaidoso, inseguro mas desejoso de mostrar o contrário, exhibe-se. O orgulhoso tem brio, o vaidoso procura brilhar.

Esta distinção entre orgulho e vaidade procura tão somente salientar o que há de diferente entre o narcisismo positivo, decorrente de um bom investimento de si mesmo, e o narcisismo negativo, condicionado por um deficiente investimento de si próprio e que acarreta frequentemente um mecanismo de supercompensação com a construção ilusória de uma auto-imagem grandiosa. Podemos também falar de narcisismo positivo ou *autofilia* (amor a si próprio) e de um narcisismo negativo ou *autofobia* (aversão a si próprio).

O processo de compensação narcísica pela grandiosidade, pela exaltação ilusória da auto-imagem é como um prémio de consolação que o indivíduo se atribui a si

(*) Título da responsabilidade da Redacção. Os títulos originais dos artigos («Sobre o Narcisismo», «Masoquismo e Depressão», «Redução do Masoquismo» e «A Revolta contra o Objecto Sádico») foram mantidos.

(**) Psicanalista. Membro Didacta da Sociedade Portuguesa de Psicanálise.

(¹) O orgulho vem do francês: *orgueil* — excelência, sentir-se de qualidade excelente, elevado conceito de si mesmo.

(²) Vaidade tem origem no latim: *vanitate* — qualidade do que é vão, falso e ilusório, o fátuo mascarando o vácuo.

mesmo pelo facto de não se ter sentido e sentir suficientemente amado e admirado pelos seus objectos (reconhecido no seu próprio valor); resulta, pois, da necessidade de reparar pelos seus próprios meios o insuficiente investimento que recebeu e recebe dos outros — não amado nem admirado pelo objecto, é ele próprio a amar e admirar a sua imagem reflectida pelo espelho: necessariamente má porque, à partida, não apreciada pelo olhar do outro (não desencadeou o espanto e o desejo) e que, por isso mesmo, ele procura artificialmente valorizar (retoques, exibição) para retomar a finalidade primeira, ser desejado.

Em última análise, o narcísico enamora-se de si mesmo em razão de não ser ou não se sentir o objecto do enamoramento do outro. Quer dizer: o narcisismo está para o amor objectal como o auto-erotismo para o alo-erotismo; é uma «masturbação amorosa». O narcisismo é um substituto da relação amorosa; como a masturbação o é da relação sexual. E o homem é um animal narcísico porque toma aguda consciência da necessidade de ser amado.

Quando o indivíduo não se sente amado, deprime-se. E a melhor defesa ou *reparação* dessa depressão é o amar-se a si mesmo, o investir-se narcisicamente. Simplesmente, este processo tem limites — se o sujeito continua a não ser amado, dá-se um esgotamento lidibinal, não há energia amorosa para se amar a si próprio (pois o amor nasce e desenvolve-se apenas na relação amorosa).

Mas do amor também se constiutem reservas. E a maior reserva amorosa forma-se na infância, pelo amor que os pais dedicam aos filhos. Se esta reserva não foi constituída ou é pequena, o indivíduo tem necessidade constante de ser amado e deprime-se em face da mais leve perda de amor ou da sua mais curta ausência. E só um forte amor posterior o poderá curar dessa carência.

E se não obtém o amor de que tanto precisa, as saídas psicopatológicas possíveis são:

- a) a depressão;
- b) o investimento narcísico ilusório, a grandiosidade maníaca (ou os seus derivados compensatórios: o exibicionismo das personalidades narcísicas ou a representação de um papel das personalidades histéricas);
- c) a regressão-compensação oral: bulimia, toxicomania, alcoolismo;
- d) a regressão-compensação anal: pelo aumento das posses — bens, dinheiro, colecções, etc.;
- e) o agir sexual, preenchendo com sexo o que não recebeu e não recebe em amor;
- f) a revolta e a delinquência;
- g) a construção delirante.

O trágico é que o indivíduo que não foi amado não aprendeu a amar. E não sabendo amar dificilmente poderá vir a ser amado. A sua sede de amor é muito grande, mas o seu ódio à relação amorosa ou a sua descrença no amor levam-no a estragá-la ou a nunca a conquistar — pela relação ambivalente e depressivante ou pela relação perversa e deteriorante, às quais adere.

Só um verdadeiro amor, uma paixão, seja ela na vida ou na relação analítica, pode fazer uma renovação do sentir conduzindo a um renascimento do ser. É no estado nascente do enamoramento, no movimento amoroso, que se curam as feridas do amor.

X é um homem tímido e deprimido. Foi uma criança triste, nunca se sentiu bem amado pela mãe. Uma intensa paixão platónica na adolescência retira-o da situação depressiva. Mas a decepção que esta mulher lhe causa, mergulha-o de novo em funda e longa depressão. Em adulto jovem

liga-se com uma mulher que o ama, mas sem grande entusiasmo; aceita-o, mas não o deseja. A depressão mantém-se, embora de menor grau; mas a relação monótona e que se vai tornando ambivalente, agrava-a. É, então, uma nova relação amorosa, em que se sente apaixonadamente desejado, que o retira da depressão.

Y foi uma rapariga insatisfeita e triste. Sempre sentiu que a mãe não a aceitava. Envereda por um agir sexual que a distrai mas não compensa. Acumula insucessos e degrada o seu existir. À beira do abismo, sente-se tentada pelo suicídio; perdeu a esperança. Apaixona-se e é bem amada — tudo muda e encontra uma grande alegria de viver.

É preciso dizer-se que são ambos pacientes em análise, e em quem foi possível dismantelar os maus objectos internos e criar na transferência um espaço de comunicação livre e de circulação, sem peias, do afecto; quer dizer, devolver à pessoa a espontaneidade de relacionar-se e o sentimento de poder ser objecto do amor.

O último aspecto é essencial: ninguém se cura enquanto não adquirir um sólido sentimento de ser uma pessoa capaz de merecer e atrair o amor de outrém; vale dizer, enquanto não reparar a sua ferida narcísica, desfizer o sentimento de inferioridade ou menor valor.

A raiz dos sentimentos de inferioridade está no passado, na infância; nos insucessos infantis e adolescenciais; e na prisão às regras e aspirações da família de origem, no juízo crítico dos pais e educadores, dos maiores, que sempre apontaram exemplos de perfeição, estabelecendo comparações deprimentes para o sujeito ou lamentando as suas imperfeições. Designadamente esta última atitude é altamente danificante da auto-imagem: o sujeito interioriza essa pena, essa mágoa, lamentado-se eternamente da-

quilo que é («Se fosse mais bonita... Se fosse mais forte... Se tivesse ouvido para a música... Se tivesse jeito para dançar...» etc.).

Mas, precisamente, *o neurótico é aquele que vive no passado*, prisioneiro do passado, do que foi. E ninguém pode viver no passado! Todos temos de ir para a frente. O misoneísmo é tudo o que há de mais estagnante no desenvolvimento individual e da cultura. E a própria Psicanálise — o que é grave — enferma desta neofobia («... que foi sempre a culpa da gente melhor que jamais houve», diz João Ribeiro em *Páginas de Estética*. Um dos grandes problemas é este: é que os detentores da cultura, os mentores dos povos, os pais e os mestres, a «gente melhor» — que, de facto, não o é, mas passa por o ser — são ferrenhos saudosistas e tacanhos repetidores, defendendo a instituição e impedindo a renovação). Viver no passado é viver no purgatório, a expiar culpas; e na sombra, admirando os resplandescentes. Mas viver, propriamente viver, é saltar para o «paraíso», dando-se a si mesmo o direito ao acesso ao prazer e deixando-se banhar pelo sol que é de todos! Podemos queimar-nos no inferno da decepção e do desaire, mas também atingir o éden da paixão. E só vivida apaixonadamente a vida tem sentido.

Só na paixão amorosa encontramos a verdade do outro e a nossa própria verdade. É a porta de entrada no mundo da autenticidade.

O neurótico é o que não sabe apaixonar-se, deixou de se apaixonar (é isso a depressão), tem medo de se apaixonar, não quer (por raiva contra o outro e o mundo, e que se vira contra si próprio) apaixonar-se. Esta resistência à paixão (a que se convencionou chamar, no processo analítico, a transferência positiva) é o principal óbice ao desenrolar produtivo da cura analítica. Não vimos até hoje (e a nossa experiência

não é curta) nenhuma análise resolutive em que não tenha havido um forte movimento de transferência positiva, uma paixão, um verdadeiro entusiasmo pela análise — que passa por um amor/identificação pelo e com o psicanalista.

Toda a análise que mereça esse nome passa por um *movimento de rotura com o passado e com o presente* (com este último não é menos importante), um movimento de renovação, um renascimento, um nascimento para uma nova vida, em moldes diferentes, com outros horizontes. E se não for assim, não é análise, não é nada. Só se sai da neurose por uma rotura com a neurose — a neurose actual, vigente, que é o reflexo e a continuação da neurose infantil; a neurose clínica, o sofrimento presente, que é o produto primário ou secundário, directo ou distorcido da neurose da infância (à inibição da sexualidade infantil pode seguir-se, por exemplo, a sexualidade perversa no adulto). Esta rotura processa-se por um movimento emocional, afectivo, por uma paixão por outra coisa, por outro objecto — que é a psicanálise e o psicanalista. Este movimento revolucionário — que fez a revolução do próprio indivíduo e do seu estar no mundo — é o processo de transferência, a aventura para uma nova forma de existir. Só muda quem se apaixona, quem se entusiasma, quem ama outra coisa, outro ser — para se tornar ele próprio «outra pessoa». É um amor de fim inibido, que se transforma em identificação; o amor erótico transmuta-se em amor de identificação, o desejar ter o objecto em ser como o objecto — que aqui é como dizer livre de escolher o que deseja. O amor de transferência não se resolve no encontro ideal nem na morte, na fusão dos corpos ou na separação, mas na mutação identificativa — que não quer dizer uma assimilação da personalidade do analista, mas a selecção e escolha de uma outra alternativa de vida, uma mudança de

identidade e estilo relacional, a abertura a uma existência diferente, a um possível, que, pelas alterações verificadas na estrutura do aparelho psíquico, se torna razoável.

O psicanalista é um catalizador da mudança que o analisando sempre esperou, mas que não tinha meios nem instrumentos, força nem coragem para concretizar, pôr em marcha. Mas a sua acção catalítica, como na química, passa pela sua presença, associação e actuação sobre o analisando, sendo recuperado no final do processo; é dizer, o analista não se consome nem fica ligado ao analisado. A transferência é uma ligação transitória que permite a transformação doente, a reacção que o transforma. A presença do analista, com a sua acção interpretativa, cataliza uma reacção de mudança.

Na análise tudo se pode dizer sem vergonha e tudo se pode sentir sem pudor, assim como tudo se pode pensar sem culpa, medo ou sensação de ridículo. E é esta liberdade — quando atingida, porque vencidas as resistências — que dá ao processo analítico a dimensão da experiência extraordinária, que sai dos moldes do quotidiano, do ordinário. Neste sentido, o processo analítico ou a experiência analítica é idêntica à experiência amorosa e/ou à experiência revolucionária: o psicanalista é o objecto de amor e/ou o companheiro de percurso — predominantemente o objecto de amor se o analisando é do sexo oposto, mais o companheiro de rota se é do mesmo sexo. Assim, numa análise heterossexual, o difícil, em regra, é a suficiente aliança de trabalho para combater a neurose e a perversão (as inibições e os curto-circuitos de passagem ao acto), a idealização e identificação do e com o analista, e, numa análise homossexual, o suficiente amor/amizade para suportar a dureza do trabalho analítico e o sofrimento desse processo.

Masoquismo e Depressão

A necessidade dum objecto bom leva à idealização do objecto — com negação das suas propriedades más — e ao recalçamento do ódio para com esse objecto: por medo de perder em maior extensão o amor do objecto (receio de abandono e/ou rejeição), por culpabilidade (sentimento, em regra injustificado, de ser ele próprio o culpado), por medo de uma retaliação agressiva da parte do objecto, pelo receio de ser considerado pelos outros como o mau (manter a imagem de bom) — medo, portanto, de ser rejeitado não só pelo objecto em causa, como pelo mundo objectal em geral (ser detestado por toda a gente, ser marginalizado).

«Hás-de ficar só, toda a gente te abandonará» — dizia o objecto sádico, depressivante (neste caso, a mulher) a um dos nossos analisandos.

No momento em que este doente faz a inversão do seu masoquismo, ouvimos-lhe dizer:

«Chegou a altura de fazer uma opção: prefiro que ela me chame e considere um sacana, a continuar a ser uma vítima».

Foi o momento chave da viragem para a saúde neste paciente. Não obstante, e como é habitual, os movimentos regressivos com flexão masoquista e depressiva continuaram a dar-se. De facto, só um lento e persistente trabalho de análise e perlaboração permite a manutenção do movimento progressivo de deflaxão da agressividade e afirmação do Eu, vencendo os medos e as culpas, o hábito masoquista e a rotina depressivante. Mais uma vez e uma vez mais, aqui e ali, acolá e acolí, o vício masoquista — ditado pelo profundo medo e culpa — emerge e, com ele, a situação de sobrecarga depressivogénea. O medo da retaliação do mundo, sob as mais variadas formas, assim como a

imensa culpabilidade inconsciente (de tão ameaçado e culpabilizado que foi) são enormes e a sua ultrapassagem e expulsão exigem um labor interpretativo intenso e aturado e um contínuo mas lento crescimento do Eu, com uma progressiva consolidação da confiança em si próprio e na sua força e capacidade de confrontação com o mundo e com os outros. Com efeito, uma das mais graves consequências da relação com um objecto sádico, controlador, culpabilizante e inferiorizante é a debilitação do Eu com destruição da sua capacidade de oposição e luta, da coragem e da confiança na sua própria força. Ninguém sai da demissão masoquista sem cultivar e afirmar a sua força. Todo o masoquista deve meditar na máxima latina «si vis pacem, para bellum» (se queres a paz, prepara-te para a guerra).

Por outro lado, a culpabilidade do masoquista condu-lo a uma sensibilidade patológica em face do sofrimento alheio, sendo incapaz de adoptar uma atitude lúcida e deixando-se arrastar pela argumentação egoísta ou pela posição patológica do outro. Vejamos um exemplo:

Uma analisanda, cedendo a pressões da irmã, aceita em sua casa um sobrinho e afilhado. Embora sentindo que isto representa para ela uma sobrecarga de trabalho, um aumento de preocupações e uma intrusão na sua privacidade, procura ignorá-lo — negá-lo e recalá-lo —, e comenta:

«A minha irmã só tem este filho, tem uma relação frouxa com o marido, vive para ele, não pode compreender que o miúdo (que tem 18 anos) ficaria muito bem num lar universitário. Portanto, que é que eu havia de fazer senão aceitar que ele fosse lá para casa? Coitadinha, escreveu-me uma carta tocante:

“(…) Sabes quanto me custa aceitar este teu sacrifício (...). Só o faço pelo muito amor que te tenho e pelo amor que sei que tens por mim (...). Assim ele tem o que eu sempre lhe quis dar, um ambiente familiar (...). Mas saberei retribuir-te tudo isto, e Deus te recompensará! (...) Era demasiado doloroso para mim, insuportável mesmo, ver o meu querido filho sozinho num Lar, exposto a todos os perigos, sabendo que em tua casa podia ter o carinho e o conforto de uma família e da tia de quem ele gosta como da mãe, e do teu filho que ele adora como um verdadeiro irmão... Que Deus te abençoe como mereces!”

Como vê, era-me absolutamente impossível dizer-lhe que não.»

— Sim, que pensaria a mana de si? E os outros, o mundo? Que era insensível, fria, má. Assim, continua boa, mas à custa do seu sacrifício, do dos seus filhos e do seu marido. Mas é uma santa.

«Que se lixe a santidade! De facto, o que sou, o que continuo a ser é uma parva, uma burra de quem toda a gente abusa, de quem todos se servem.»

— Pois é, mas a mana é tão boa, o sobrinho tão simpático...

«É verdade, continuo sempre a pensar assim: os outros é que são bons, merecem tudo. Com prejuízo da minha própria família, dos meus filhos, do meu marido.»

— Tem momentos de lucidez; em todo o caso, não consegue criticar e opor-se à atitude pré-histórica da irmã a adorar o bezerro de ouro, o filho idealizado. Esquecendo-se que nem sequer está a beneficiar o seu sobrinho; está simplesmente a colaborar na educação errada e na super-protecção da mãe, impedindo-o de se tornar um homem adulto e independente.

«Tem graça que foi isso mesmo que me disse o meu marido. Fiquei zangadíssima, disse-lhe que era um estupor, um egoísta. Fui mais longe, pensei que não o suportava, que tinha de me separar dele».

— Para ficar, com a mana, a adorar o bezerrinho... No fundo, você continua muito presa à sua infância: a irmã e o sobrinho, os representantes da família de origem, do passado, são, para si, mais importantes e mais amados que as pessoas da sua família actual, da sua própria família. E ainda acha que é o seu marido que não tem razão; quando ele tem, em relação a este acontecimento, todas as razões para se sentir maltratado.

Esta vinculação ao passado, sem verdadeira mudança de objecto, é um dos traços fundamentais da personalidade depressiva. E a deformação ilusória (no sentido da idealização) da imagem dos objectos da infância, sustentáculo desse apego, é o mecanismo psicótico — de negação (denegação) da realidade objectal — preponderante na estrutura depressiva. O outro mecanismo de defesa importante, na depressão, é o recalçamento do ódio e da agressividade; este, de nível neurótico (¹).

Com o decorrer da análise, esta irmã «tão boa» virá a mostrar-se como uma pessoa calculista, manipuladora, profundamente egoísta e narcísica, oportunista, sempre «levando a água ao seu moinho», mas com uma extrema arte para fazer supor e parecer que a conduz às azenhas dos outros. Defende o amor, mas casa tarde com um velho rico. Passa por pobre, porque se arranja sempre de modo a que a fortuna do marido seja aplicada em bens não transaccionáveis, que rendem muito pouco mas se valorizam bastante (a estrutura anal, de ambos, é evidente). Isto permite-lhe viver

(¹) Há dois mecanismos de defesa essenciais: o recalçamento de determinados afectos e a negação (ou denegação) de partes da realidade. O primeiro define a parte neurótica da personalidade; o segundo, a parte psicótica. Em todo o quadro psicopatológico há sempre uma porção da personalidade em funcionamento neurótico e uma em funcionamento psicótico.

explorando os outros — verifica-se que não põe o filho num quarto alugado ou numa pensão porque não quer gastar dinheiro, alegando que não tem rendimentos para o poder fazer; mas, entretanto, capitaliza na construção de uma casa para o filho. O resultado é que a nossa analisanda, que passa por ser a mana rica só porque o marido ganha razoavelmente, sustenta-lhe o filho, mas não tem dinheiro para comprar casa para os seus próprios filhos!

O que é importante notar é que a nossa analisanda só muito tardiamente se dá conta deste imbróglia em que se deixou meter e de que é vítima.

Tarde, também, apercebe-se de que a irmã, uns anos mais velha, está muito mais conservada do que ela. Nessa altura, comentamos:

— Pudera, é que você tem feito trabalho de escrava e ela exploração de senhora.

Tardiamente, esta mulher compreenderá a personalidade sádica e controladora da irmã escondida sob o manto da pobreza, sedução e boa vontade — sempre prestável, mas para se vir a pagar com elevados juros: uma habilíssima explorável-exploradora (começar por dar para melhor e com mais força de razão poder exigir) e masoquista-sádica (sofredora eterna para eternizar o domínio sádico sobre os outros).

A irmã da nossa doente é um belo exemplo do sadismo dos masoquistas, da complementaridade dos dois componentes da perversão moral.

Hábil manipuladora — como todo o perverso —, nos grupos, arranja-se para seleccionar um bode expiatório, que era a pessoa a acusar — e marginalizar ou excluir — para melhor realizar os seus desígnios. No caso vertente, foi o marido da nossa analisanda: como sentiu o desacordo dele, tratou de lançar a discórdia entre o casal, ateando o fogo do conflito larvar entre marido e mulher (e até entre os filhos do casal que pôde seduzir e o pai), para que

a oposição dele fosse sentida pelos próprios familiares como uma demonstração de egoísmo e malvadez e não como uma espontânea e natural reacção à intrusão do sobrinho; a sua tática foi tão eficiente que o casal esteve em vias de separação.

Um masoquista libertar-se de um sádico com quem tem uma longa relação, não é tarefa fácil. Foi o que aconteceu com a nossa cliente, desde a tenra infância subtilmente dominada por esta irmã. Levou muito tempo a poder abertamente exprimir:

«A minha irmã é na realidade um grande estupor. Passei a vida inteira a sofrer a sua influência nefasta sem o reconhecer. Passei a vida inteira a sentir-me devedora em face dela, quando afinal fui a grande explorada. Sempre a considereei uma santa, verifico agora que ela é diabólica; consegue sempre o que quer. Tenho sido um brinquete nas mãos dela.»

Este exemplo clínico mostra-nos quão importante é a análise das relações dominantes de um indivíduo e da neurose dos seus objectos privilegiados, designadamente dos objectos do passado, dos objectos formadores. A irmã desta doente é uma personalidade sádico-anal fortemente homossexual. Mulher frígida, faz um casamento de conveniência, produzindo um filho que é o representante simbólico do seu pénis ausente. Nestas circunstâncias, impõe-no como menino de ouro que os outros devem admirar, adorar, proteger e amar, como se obrigatoriamente tivesse de ser o objecto preferencial de toda a gente; e admira-se e revolta-se se acontece o contrário, porque não pode admitir que assim não seja. No seu delírio inconsciente de criação mágica, o filho é o falo divinizado; quem não o aceitar assim, é um hereje a abater. Está neste caso o cunhado, que, por isso mesmo, ela odeia profundamente; muito embora, por projecção, se considere o objecto do

desprezo e até do ódio dele. No fundo, tem um interdito desejo sexual e amoroso por este cunhado, que, ao não poder realizá-lo, se transmuta em ódio. Da irmã, que é uma mulher orgástica, tem uma profunda inveja, que transforma numa amizade amorosa e proteccionista — afastando-a do marido e impondo-lhe o filho, realiza fantasmaticamente (com o pénis/filho) a sua homossexualidade latente, ao mesmo tempo que se vinga da decepção sofrida pelo amor não realizado com o cunhado.

É evidente que não só o masoquismo como a homossexualidade da nossa analisanda permitiram que toda esta relação patológica se estabelecesse e mantivesse. E não só; também o seu nítido, embora inconsciente, interesse infantil e erótico pelo sobrinho. Por aqui se percebe também a grande reacção de recusa do marido.

É bem certo que só analisando todo o sistema relacional de um doente podemos chegar à plena compreensão da sua patologia.

Redução do Masoquismo

«O que eu não suportava na minha mãe e não consigo suportar no meu marido é este permanente desejo e intenção de me torcer, de me obrigar a fazer o que eu não quero. Não é bem isso, é pior que isso, é obrigarem-me a aceitar e até gostar de quem eu não gosto. É uma verdadeira, uma terrível violência moral, psíquica.

Não é que me obrigue directamente. Nem isso se consegue com facilidade; ou não se consegue, mesmo, fazer.

Não é possível mandarem nos nossos sentimentos. Esses são nossos; e, mesmo que reprimidos — ou contorcidos (por fora) —, ficam cá dentro. Jamais desaparecem ou se alteram por uma pressão externa; foi uma das coisas que aprendi, descobri na psicanálise. São a coisa mais primitiva, mais essencial de nós próprios; mais genuína e verdadeira. (...)

A minha mãe sempre fez aquele trabalho de sapa — diria mesmo de sabotagem — para me modificar, para me levar a fazer o que ela queria, para me levar a gostar de quem ela queria que eu gostasse.

É isso que não lhe perdoou, que não lhe posso perdoar. É essa a minha grande raiva contra ela. Porque isso me perturbou imenso. Porque isso me fez ser o que eu não era; o que eu, no fundo, não queria ser; o que, ainda — e sempre (para meu bem, descobri-o na análise) —, não quero ser. Quero ser eu própria; com as minhas qualidades e defeitos, mas eu própria. Ser aquilo que sou: boa ou má, mas eu! Gostar de quem eu quero; nunca, de quem eu não desejo!

Contorci-me; desfiz-me, para me fazer outra. Outra, que não sou eu mesma. Inibida, porque era aquilo que não queria ser. Tímida, porque não fazia o que queria fazer; odienta, porque amava quem não queria amar.

Contorci-me... A minha mãe torceu-me! Desfiz-me... A minha mãe desfiz-me! Fiz-me outra... A minha mãe fez-me outra!

Aceitava quem eu, no fundo, rejeitava. O estupor da minha mãe conduziu-me a aceitar aqueles que, no íntimo, sempre rejeitei.

Tem sido esta a minha contradição: ser, fazer por ser, acabar por querer ser aquilo que não sou.

Ah, não! Quero ser eu, eu!

Que montanha de raiva contra todos os que me quiseram torcer cresce dentro de mim!...

Consciente ou inconscientemente, foi isso o que fizeram. Não posso deixar de sentir uma imensa raiva; e dor, porque ao mesmo tempo são pessoas de quem eu gosto.

Mas porque me haviam de obrigar a gostar de quem eles gostavam? Não será normal que eu possa não gostar de alguém que uma amiga goste, por exemplo? Acho que sim, que é normal; posso gostar da minha amiga sem necessariamente ser igual a ela, ter os mesmos gostos, as mesmas inclinações pessoais — ela pode-me ter escolhido por uma razão diferente daquela pela qual escolheu outra pessoa.

Ora é isto que a minha mãe nunca concebeu; e o que o meu marido não concebe. Gostar deles é ser igual a eles».

Ora bem, dizemos nós, é este *estilo relacional narcísico* — gostar, amar o igual a si mesmo e não tolerar a diferença de identidade do outro, do objecto, procurando fazê-lo à sua imagem e semelhança — que constitui um dos mais importantes elementos patogénicos da personalidade dos pais/educadores. Estes pais, ou estas mães, têm uma única perspectiva, vêem o mundo de um ângulo fixo, que é o seu, considerado o

melhor e o verdadeiro. São pessoas com um núcleo psicótico e uma visão delirante da realidade: que não admitem a divergência de opiniões (*só elas estão certas*) e a relatividade das coisas (para elas, só há valores absolutos) — o bom é o que elas acham bom; o mau, o que sentem como mau. São pessoas que, principalmente, *não suportam* (emocionalmente) *que os outros tenham afectos diferentes dos seus*; designadamente, que o objecto goste de alguém que o próprio não gosta ou não goste de quem ele gosta — nessa altura, o sujeito sente-se terrivelmente ameaçado na sua segurança interna (porque pode perder — pela lucidez que então se pode fazer no seu espírito — um objecto securizante ou entrar em contacto — por arrastamento — com um objecto perseguidor, sentido como perigoso).

No caso que começámos por citar, a mãe da doente tinha uma relação anaclítica com a irmã mais velha e não tolerava que a filha não gostasse da tia porque isso ameaçava a sua relação de apoio na irmã. Com o marido, passa-se um fenómeno idêntico: apoia-se num irmão de quem a doente não gosta. Por outro lado, a doente tem uma amiga que o marido não tolera porque se sente ameaçado pela desvalorização que ela possa fazer dele.

Mas voltemos ao relato da analisanda e vejamos mais alguns aspectos da sua submissão masoquista, agora em movimento de deflexão (o que lhe acarreta grandes conflitos externos, como iremos observar — mas que são o preço da saída para a expansão pessoal, o preço da melhoria, a quantia a pagar pelo assumir do seu direito à liberdade de ser ela própria e viver como deseja e com quem deseja):

«O sobrinho do meu marido, o filho do “maninho querido”, foi lá para casa. Não suporto esta intrusão em minha casa. O meu marido não sabe dizer não ao mano, e aceitou isto passivamente. Mas eu é que não

estou para ter mais trabalho em casa e perder parte das minhas comodidades e a minha privacidade. Ele acusa-me de eu não gostar do sobrinho. Isso não é verdade; mas se fosse, estava no meu direito — tenho o direito de gostar ou não gostar das pessoas. E para gostar dele (do João) não preciso, nem posso ser obrigada a gostar de quem ele gosta. Não faltava mais nada!

Não tenho nada contra o meu sobrinho (que nem é meu sobrinho, é sobrinho do meu marido!). Mas é um intruso, alguém que perturba a intimidade do meu lar. Os pais, que o fizeram, que cuidem dele! Eu, tenho os meus filhos e já me chega. Quando os fiz, assumi a responsabilidade de os educar; a minha cunhada que faça o mesmo. Não tenho culpa que ela não trabalhe, que seja uma menina bem que nunca quis fazer nada na vida. Se não têm dinheiro para o pôr num colégio é porque não querem; que vendam as quintas! E, mesmo que fosse verdade não terem possibilidades económicas, o problema seria deles e não meu. Quem não pode, não faz; se não podiam ter filhos, que não os fizessem. Agora isto de arranjar filhos para os outros tomarem conta é que não está certo. Mas esteja certo ou não esteja, o que é certo é que eu não estou para o aturar. Quero o meu sossego, o meu descanso, a minha tranquilidade, o meu bem-estar. Que o meu marido seja masoquista e dominado pelo mano, é também o problema dele. Agora o que ele não pode fazer é obrigar-me a sê-lo.

Mas as coisas não são fáceis. O meu marido é teimoso como um burro, só ele tem razão; eu é que sou uma puta e uma egoísta e não penso noutra coisa que não seja no meu prazer e os meus interesses. E o culpado é o Senhor, diz ele, que me pôs assim. Segundo ele, estou cada vez pior, a psicanálise só me tem feito mal. Estou maluca, devia ir a um psiquiatra, tomar calmantes, tratar-me, etc. Está bem de ver: não estou como ele quer; e como ele me conheceu — amiga dos pobrezinhas e cho-

rando pelos humilhados..., sofrendo pelos outros e ignorando o meu sofrimento, sacrificando-me pelos outros e esquecendo-me de mim... uma masoquista de todo o tamanho e feitio. Era assim que ele queria que eu continuasse a ser. Foi assim que a puta da minha mãe quis que eu fosse — ninguém, ao serviço de todos. Puta de gaja, que bem me lixou a vida.

Com o meu marido é diferente. Eu gosto dele; e ele nunca me torturou como a minha mãe. Mas há algo de semelhante. Ele também é um pouco como a minha mãe — a vítima e o carrasco. Vítima da sua família de origem, de um pai sádico e controlador, de um irmão incompetente, chulo e explorador — que o explora, como agora se vê com a história do filho, mas que veste a capa do explorado, do sacrificado: segundo o meu marido, não estudou para ele poder tirar um curso. Ora a verdade é que o João abdicou dos seus benefícios de viver na aldeia com os pais, onde nada faltava, para estudar em Lisboa em condições de grande modéstia, quase miséria; e se hoje ganha bem e o irmão mal, é porque trabalha muito e o irmão nada. É isto que eu não posso compreender nem aceitar. Se os meus cunhados têm dificuldade em alugar um quarto para o menino, é porque não trabalham e não querem desfazer-se de bens imóveis que possuem. Nós vivemos do nosso trabalho, sai-nos do pêlo e com suor. E não deixaremos nada aos nossos filhos, porque não podemos capitalizar. E a vaca da minha cunhada irá deixar ao fi-fi, que nós sustentamos, uma boa herança. Isto é tremendamente injusto em relação aos nossos filhos, e o meu marido não compreende isto.

Mas eu não suporto a situação. E o meu marido não sai da posição dele. Ainda por cima me acusa e tomou comigo uma atitude de franco repúdio. Eu sou a má que não gosta da família dele. Chegou ao ponto de deixar de se interessar sexualmente por mim. Rejeita-me.

O meu casamento está em franca rotura. Sinto-me triste mas não posso fazer nada. Ele não entende.

No fundo, talvez eu não queira ter entendido até aqui. O João gosta de mim, mas nunca se desligou da família dele. A mãe e os irmãos continuam a ser para ele as pessoas mais importantes na sua vida; não a mulher e os filhos. Nós estamos em segundo plano. Esta é a verdade, embora nunca me tenha querido aperceber dela. Talvez eu própria fosse um pouco assim e por isso não dava conta. Agora sou diferente e o contraste ajuda-me a ver.

De facto, isto não foi fácil e demorou muito.

Já lá vão oito anos (...) de análise e só agora comecei a modificar-me, a mudar. Sinto-me como uma serpente que muda de pele, que larga a pele velha. Mas em que a nova é ainda muito fina, frágil, vulnerável. À vezes tenho medo de me picar, de me ferir, de não ser capaz, de não aguentar, de sofrer (...) Tenho medo (...) A pele antiga, velha, desagradável, aparece-me então como lugar de refúgio, um abrigo seguro. Também tenho medo de, por causa do medo, voltar atrás... Ao abrigo, seguro, escuro, sórdido, triste..., mas uma fortaleza contra os perigos da vida».

— Mas também uma fortaleza vazia, onde a tranquilidade é a presença da morte, a existência da não-vida (sai-nos a interpretação em plena consonância com o risco de regressão que sentimos) (1).

Após a elaboração deste acidente interpretativo, a analisanda retoma o fio inicial deste segundo trecho do seu discurso:

(1) Esta interpretação empática com o perigo que o doente pressente mas não consciencializa é, por alguns autores, confundida com uma intervenção psicoterapêutica. Na realidade, é a utilização *correcta* da contra-identificação ao serviço do Eu analisador — que é um dos melhores instrumentos do trabalho analítico.

«Eu mudei, ele [o marido] não. É muito difícil continuarmos a entender-nos.

No entanto, em parte a culpa foi minha. Não fiz nada para que ele mudasse, porque eu própria não queria mudar. Troçava das minhas amigas que estavam em análise e mandavam os maridos para a análise. Achava isto uma submissão, um endeusamento da análise; quando verifico agora que era a minha resistência à análise, a minha recusa a que a análise me mudasse. No fundo, queria fazer a análise de uma forma intelectual, para me conhecer, não para mudar. Fazia da análise um objecto de cultura, de uma falsa cultura, mais um saber a acumular. Que tonta, que estúpida eu tenho sido; julgando-me inteligente — só que não tinha inteligência para saber viver, para viver melhor. Aprendia coisas, mas não crescia por dentro, não evoluía.

E nunca quis que o meu marido fizesse psicanálise só por medo que ele mudasse e, com isso, o perdesse, que ele me viesse a abandonar. Pois eu estava certa que não mudaria — tal era a minha resistência...»

— Foi bem modelada, as mãos da mãe penetraram bem fundo.

«Sim. E o seu trabalho de desmodelagem não foi fácil».

— Tão persistente quanto a sua resistência.

«Mas a sua teimosia foi boa!... Não como a da minha mãe.

A minha análise consigo foi, é ainda, a melhor coisa da minha vida».

— E a pior?

(A resposta é imediata).

«A relação com a minha mãe».

Terminamos reafirmando o que já muitas vezes dissemos:

Não se trata, neste caso como em muitos outros, de denegrir a imagem dos pais e/ou de outros objectos do passado ou do pre-

sente, mas sim de procurar e encontrar a verdade da vivência relacional. Só a verdade transmite saúde.

Mas o confronto com a verdade é, muitas vezes, tremendamente doloroso. Por isso, o doente evita o contacto com a realidade vivida — tanto mais quanto mais amarga ela foi (e/ou tem sido) —, preferindo viver na ilusão idealizante (dele próprio e/ou dos seus objectos, da sua vida, das suas relações, do passado ou do presente, das suas origens ou do seu destino) e, não raro, o analista é levado a fazer um conluio com esta dura resistência.

O processo analítico é uma busca da verdade. O seu percurso é doloroso mas erradica as causas de uma dor maior — o persistente sofrimento neurótico.

O desligamento dos maus objectos e a rotura com a experiência negativa é um imperativo da boa técnica analítica. Só no espírito livre de maus objectos e não corroído pelas relações deletéreas se podem implantar bons objectos e desenvolver relações objectais agradáveis. O que não tem nada a ver com as técnicas abreactivas, como o «grito primacial», que põem em acção mecanismos primitivos de expulsão sem passagem por um processo de modificação maturativa do Eu, e cujo resultado é a sequente reintrojecção do que foi ejetado; são técnicas de simples desbridamento da agressividade, que conduzem apenas a um aumento da actividade destrutiva.

Mas ouçamos o que nos diz um escritor (Pontes de Miranda, em *Obras Literárias*):

«Quanto vos odeio, ó homens que demolis sem poder construir; e quanto vos amo, ó vós que ides plantar e erradicaís do nosso espírito e dos nossos sentimentos quanto nos prenda ao que deve morrer!».

Há relações que devem morrer, para que haja saúde. É preciso ter a coragem de as cortar.

A Revolta contra o Objecto Sádico

A depressão é tanto mais grave e profunda quanto mais precoce e intensa foi a separação do Eu dos impulsos e desejos do Id; ou — na nossa concepção (que traduz melhor a realidade do acontecimento evolutivo, da formação da personalidade) — quanto mais predomina a identidade xenomórfica sobre a identidade idiomórfica, vale dizer, quanto mais o Eu está impregnado pela lei e desejo do outro (pelo Super-Eu) ou pelo desejo e conveniência do próprio (pelo Id), ou seja, quanto mais no comportamento do sujeito impera o dever ou o direito. Quer isto significar que a gravidade e intensidade da depressão está em relação directa com a precocidade e maciez da deformação masoquista do Eu.

Assim, na depressão neurótica, ou, mais correctamente, na *depressividade* neurótica (no *fundo* depressivo da personalidade em que se enxerta a «crise» de depressão neurótica) o *Eu profundo* e o seu desejo e projecto (que equivale ao Id do modelo estrutural de Freud) está *recalcado* — esquecido, na sombra —, mas vai influenciando o pensar, o sentir e o agir; na depressão psicótica, na *depressividade* psicótica, está *cindido*, separado, mesmo precocemente abortado no seu desenvolvimento, pouco ou nada interferindo no quotidiano do indivíduo. O neurótico é um inibido que não se exprime; o psicótico, um tolhido que não se desenvolveu. Na crise neurótica, o Id irrompe sob a capa do disfarce; na crise psicótica, abertamente, sem disfarces. Crise neurótica e crise psicótica correspondem à erupção do inconsciente, da personalidade profunda. A depressão (neurótica e psicótica) corresponde ao oposto: a um período de *maior esmagamento* da personalidade profunda, do desejo e projecto próprios, a um reforço da actividade do Super-Eu. Por isso também no *florescimento* neurótico ou psicó-

tico há uma exacerbação do sadismo; e no *estiolamento* depressivo, um agravamento do masoquismo.

É através da deflexão da agressividade interiorizada sobre o objecto externo perseguidor ⁽¹⁾ que o indivíduo sai da depressão e do masoquismo. Citemos as palavras de um analisando em fase de saída da depressividade:

«É-me impossível tolerar a minha mãe. Não quero voltar a vê-la, sentir a opressão, abafamento e aniquilamento que a sua presença, a sua pessoa, a sua existência me provocam. Não voltarei a casa dela, à casa dos meus pais, à casa onde passei a infância enquanto ela lá estiver, enquanto ela for viva. Só me poderei sentir bem naquela casa quando ela morrer, quando puder ser livre de lá estar inteiramente à minha vontade — sem a crítica, a reprovação, a humilhação dela.

Tenho vivido num dilema ou numa alternância constante entre o desejo de reencontrar a sua presença cálida e carinhosa (que às vezes tinha) e o desejo de me afastar da sua pessoa desagradável, fria e rancorosa. Sem querer compreender e aceitar que tinha de me decidir por uma coisa ou por outra: ter o seu amor mas ficar esmagado pela sua opressão (como aconteceu com o meu irmão a seguir a mim) ou separar-me definitivamente e sofrer com a sua falta. Esta última atitude, a única saudável, tentei-a várias vezes; mas não me agüentei com o sentimento de abandono, a tristeza, a nostalgia. Só com a análise eu consegui realizá-la; mas à custa de um grande sofrimento, andei muitíssimo deprimido. Depois veio esta revolta, este ódio, a total compreensão do mal que ela me fez, do terror que me incutiu.

(1) Entenda-se: deflexão sobre o objecto.

Esta hostilidade para com a minha mãe ainda me assusta e me culpabiliza. Esta noite acordei a pensar que não mais voltaria a vê-la, que não mais a queria ver; que só voltaria à minha terra quando ela morresse. Fiquei angustiadíssimo, não consegui reconciliar o sono. Levantei-me, fui dar uma volta de carro. Fui até ao Guincho; olhei o mar, vi as estrelas. Senti-me só, imensamente só. Mas, de repente, senti um grande alívio e uma enorme serenidade: estava só, mas estava livre; tinha expulsado definitivamente de dentro de mim a sombra agourenta da minha mãe. Voltei para casa, adormeci calmamente. Pela manhã cedo levantei-me, fui lavar o carro (coisa que raramente faço, tenho preguiça — deve ser o meu desânimo, a minha depressão) e parti para o trabalho com um sentimento de leveza e frescura como há muito não sentia. Oxalá essa sombra negra não volte a instalar-se dentro de mim!»

A necessidade de separação do «objecto externo perseguidor» (como diz Angel Garmá) e de expulsão do introjecto maligno são evidentes neste relato.

O dilema ou a alternância em que este doente se tem sentido são: a sua estrutura obsessiva (o dilema, a dúvida) e a sua oscilação entre a idealização do objecto com um comportamento de tonalidade hipomaniáca, mas com regressão a uma situação simbiótica (em que põe de lado a sua vida e interesses pessoais para se preocupar e investir nos problemas da mãe e irmãos), e o abandono do objecto (mãe) com agravamento da sintomatologia depressiva, o que o impede também de cuidar convenientemente da sua pessoa e interesses por escassez de energia psíquica [consumida no investimento nostálgico — consciente — e depressivo — inconsciente — da mãe ⁽²⁾].

(2) Na depressão há perda de energia libidinal por fuga na representação do objecto ausente: se o investimento da representação desse objecto é consciente, trata-se da nostalgia ou depressão nos-

Só o desinvestimento, a rotura desta ligação patológica — e patogénica — com a mãe lhe permitirá a saída da depressividade, que corresponde precisamente à fixação a um objecto insatisfatório (agressivo, desamante e crítico) mas que o indivíduo sente como necessário, dada a sua carência narcísica (insuficiente investimento pelo amor materno — criança mal amada) e deficiência egóica (insuficiente desenvolvimento da autonomia do Eu — por excessiva dependência do objecto, da mãe); um objecto que desiludiu e desilude, que se mostrou e/ou mostra incapaz de satisfazer as necessidades do sujeito, mas que ele teima em considerar como amante, bom e apropriado, mantendo a ilusão da adequação objectal — por idealização do objecto — ou urdindo a crença na sua transformação (o objecto irá tornar-se bom e adequado, ideal), o que equivale à onnipotência transformadora do sujeito ⁽³⁾. É a pessoa insuficientemente amada que vive na ilusão de um paraíso perdido e/ou na ilusão de um paraíso a conquistar ou reconquistar — não querendo perceber que esse paraíso com o objecto em causa nunca existiu nem é possível vir a existir. O depressivo — para se curar — tem de corrigir essa paramnésia e desistir desse sonho irrealizável ⁽⁴⁾.

Para conseguir essa ultrapassagem da fixação infantil — de uma forma que não

tálgica; na depressão propriamente dita, o investimento da representação objectal é inconsciente.

(3) «É o teu amor [ilusão do sujeito] que me faz gostar tanto de ti.» Ou: «Um dia virás a gostar de mim como eu desejo» — crença ilusória na transformação do objecto.

(4) «Foi duro perceber que a minha infância não foi um paraíso, mas um inferno. E foi difícil aceitar que jamais poderia construir com a minha família do passado — os meus pais e os meus irmãos — e os amigos da infância e adolescência uma vida risonha, agradável e plena. Foi duro, difícil, mas essencial. Saí de um sonho, que era um pesadelo. Estou livre.» — São as palavras de um doente no ponto de viragem da sua análise.

seja uma fuga para a frente, lançando-se numa conduta hipomaniaca (investindo a superfície do mundo objectal) e/ou numa conduta perversa (investindo o acto e não o objecto) — terá de passar por uma fase em que os objectos do passado, principalmente os mais significativos e a que está mais intensamente ligado (a mãe, no exemplo referido neste texto), serão não só desidealizados como denegridos, que não só deixará de amar como odiará. Só assim se desvinculará desses objectos, reavendo a libido neles investida.

No fenómeno psíquico e no comportamento interessa não só indagar da causa como saber da finalidade. E, para sair da submissão masoquista e deprimente, é necessária uma *revolta que, aparentemente, está para além dos danos sofridos*. No ajuste de contas com o objecto sádico, o indivíduo precisa de se cobrar de pesados juros; só assim saldará as contas e sairá recomposto. Deste modo fará a necessária restauração do *self*.

Por esta razão, a cura analítica só é resolutiva quando o analisando estabelece com o analista uma *relação de confiança e amizade* (o que Freud chamou o «*transfert amistoso*» e que os analistas actuais designam por «aliança de trabalho») que está para além da transferência propriamente dita, a qual é sempre uma resistência à compreensão e à mudança, ao *insight* e à evolução — quer ela se apresente como transferência de afectos ou como transferência de defesas. Esta relação de abertura com o psicanalista — a que também podemos chamar *transferência positiva sublimada* — pressupõe uma certa quantidade de libido livre (não fixada narcisicamente ou num objecto externo ou interno), isto é, uma

certa desvinculação, objectal ou narcísica, prévia, uma predisposição ao encontro de um novo objecto. Sem esta necessidade ou desejo de relação com alguém que é investido de poder e de interesse pelo sujeito, a quem se atribui a qualidade de uma figura parental boa, falta o impulso necessário para a análise. E é neste último sentido que a aliança de trabalho se confunde ou, mais precisamente, é duplicada de uma verdadeira transferência, a transferência de uma onnipotência e de um amor sem limites que o indivíduo julgou ter tido e perdeu ou desejou ter e quase perdeu a esperança de vir a ter⁽⁵⁾. Mas, a pouco e pouco, o indivíduo corrigirá essa transferência idealizante e será na *confiança* na qualidade humana e técnica do analista que se apoiará para se compreender e para se libertar dos maus objectos internos e externos. A empatia do psicanalista (e não a contra-transferência) dar-lhe-á a certeza que este o quer ver como pessoa livre e não utilizá-lo como objecto.

BIBLIOGRAFIA

- GARMA, A., (1981) — In «Diálogo com Angel Garma», *Revista de Psicoanálisis*, XXXVIII, 2.
MATOS, A. COIMBRA DE, (1982) — «A deflexão da agressividade», *Jornal do Médico*, CVIII: 831-839.

(5) «Não sou capaz, nenhuma das pessoas de que disponho é capaz ou quer ajudar-me. Penso que o analista tem essa capacidade e essa disponibilidade.» No fundo, *inconscientemente* (e a autêntica transferência é um fenómeno inconsciente), o paciente tem a ilusão de que o analista é um deus todo-poderoso e ilimitadamente bom e amante.